



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. teleg. Talhada - Lisboa • Telephone: 21

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

PREÇO, 2 CENTAVOS

Segunda feira, 31 de Maio de 1921

PLANOS  
E PROGRAMAS

Tendo atingido já a situação do país um tanto profundo grau de ruina que não é possível pensar noutra causa, vemos que políticos e governantes, vislumbrando enevoadamente a gravidade do momento, falam em planos de reforma que duma maneira radical e eficaz sanarão os nossos males económicos e conduzirão o país à prosperidade e à abundância.

Aguardar com fé a realização desses planos seria ingenuidade rematada, só adequável a criaturas de visão deficiente e incapazes duma elucidativa análise retrospectiva à vida política do país, de há uns anos a esta parte. Um plano de reconstrução económica, cuja realização fosse capaz de remir da miséria um país como o nosso, chegado a tanto profundo estádio de decadência, é uma obra gigantesca, incorporável nas faculdades limitadas de quem hoje por bambúrio nos governa. Mais ainda: esse plano é inconcebível e irrealisável. Quando a moléstia alastrá e se aprofunda não há remédios que prestem. Pode agravar-se um pouco o avanço do mal. Debelá-lo é impossível. Mas nem mesmo essa limitada vitória que seria a localização do afundamento a conseguirão os reclamados planos governamentais. Esses planos nem chegam a ser um paliativo. São simplesmente uma palava.

De maneira que o afundamento operar-se há integralmente, seguindo o curso iniciado. Afundamento, bem entendido, das vigentes fórmulas políticas. Há uma causa que estava periclitante; o abalo da guerra arrastou irreversivelmente: trata-se da organização burguesa. Não circunscrevendo o nosso campo de observação às fronteiras nacionais vemos que a organização burguesa se tem mantido ultimamente e se mantém ainda à custa de constantes transições, de consecutivos recuos, como os dum inimigo que, forçado a abandonar posições, quisesse dar à sua fuga o aspecto honroso duma manobra estratégica.

Os planos mirificos dos governantes, que até às classes burguesas inspiram já uma desconfiança profundíssima, representam apenas o esforço infecundo para tranquilizar sobressaltos burgueses, e velar espessamente o profundo abismo à beira do qual os interesses e privilégios capitalistas se debatem. Pior para os burgueses, que a queda ser-lhes há assim mais dolorosa pelo imprevisto.

O melhor, o mais conveniente, seria declararem os governantes que já se não entendem com a tarefa de que estão encarregados, que já não veem furo na questão, que já são impotentes para dar volta ao problema social, dada a magnitude que ele revestiu.

Realmente, uma só força pode hoje salvar o mundo da sua iminente perda. Essa força é a do trabalho, organizado, emancipado, entregue sem peias e sem parasiagens às suas gloriosas realizações. Essa força é o do sindicalismo, quer como uma organização político-económica suficiente, quer como uma filosofia social triunfante. Tudo o que não seja isto está experimentado longamente e não provou.

A organização burguesa gira em dois eixos: exploração e coacção. Os agentes da exploração impedem e reduzem as faculdades produtoras; os agentes de coacção sobrecregam as sociedades duma parasitagem sôfrega, vermina voraz que tira o organismo social todas as probabilidades de medrança.

Ora os planos governamentais, superficiais, balofos, não destinados a realizar-se, serão hoje o mesmo que otem foram: hipocráticas palavras, máscaras de incompetência, disfarces da impotência que de dia a dia se acentua nas fileiras políticas. Nada há a esperar deles. Mas como estojamos a braços com as dificuldades de varia ordem que é preciso a todo e traço resolver, ocorre perguntar a todos quantos em Portugal não perderam ainda o juízo qual é o ponto de que esperam

## NOTAS &amp; IMPRESSÕES

## SEXO FRÁGIL

No tempo em que havia eletricistas para todos, no abençoado tempo em que a Companhia dos ditsos vigiava fisionomia a cotação das plataformas, impedindo que fossem empilhados como sardinha em barrica, era do bom de sá delicadeza, de requintada galanteria uma pessoa levantar-se, se acaso lhe sentado, e oferecer o seu lugar a uma senhora que estivesse de pé. Era guia-se a gente com o ar mais gentil desse mundo e buscando no repertório das amabilidades o sorriso mais hipócrita e a voz mais melindrosamente falsa, descobria-se cavalheirescamente e convivida a dama, que quase sempre era bonita, a tomar assento. Cabe dizer, entre parêntesis, que isto é já hoje muito raro — não sei porquê nem por que não. Adiante. Chamava-se a esta coisa, e ainda agora se chama, quando de ano a ano há deo para o fazer, delicadeza, correção, boas maneiras...

Pela parte que me toca declaro que fiz isso algumas vezes quando era menino e mogo, sem bem aperceber, todavia, dos motivos certamente ponderosos porque o fazia, mas suponho não andar longe da verdade dizendo que metia para aí o seu bedelho aquela inconsciência que impõe para a imitação todos os fedelhos que querem ser homens antes de tempo. Dei, de quando em quando, o meu lugar a algumas senhoras, envergonhadamente, o confessou; mas dessa culpa me penitencio, contrito, arrependidíssimo, porque hoje não o fazia, nem o faço.

Parce-me que tenho as minhas razões. Que me importa a mim que me chamem malcriado se é por proceder de acordo com a minha consciência! Com os mesmos argumentos de que se servem os bem educados lhes posso eu chamar hipócritas e farcantes porque eles nem tem sequer a coragem de esterilizar os impulsos primeiros do seu coração que lhes ordena um desculpável comodismo, um não te rales de mandarim, que são, afinal, cincíficamente atraídos porque «parece mal» ficar sentado quando uma senhora vai de pé. E' ou não é isto, senhores delicados? Todavia, ainda estou para os ver ceder o vosso lugar a uma trapeira que pertence, também, ao estafado sexo «frágil». O sexo frágil! O sexo frágil! Que imbecilidade! Éle, que em todos as manifestações da actividade humana, em todos os actos sociais, revela uma força incomensurável, um poder enorme e inexcedível tem o nome de sexo frágil; nós, os que cavamos a terra e fazemos barba; que passamos toda a nossa vida a adivinhá-lhe os desejos para os satisfaçons incontinenti; nós que viemos ao mundo por uma clada sua, para vivemos sempre — sempre, sim, nada de ilusões! — na sua dependência; que não temos outra missão na terra senão agradar-lhe, sorri-lhe, amá-lo e cantá-lo em verso e em prosa; nós a

intervenção proficia. O operário está orientado a esse respeito, e a pouco e pouco se vai compreendendo da importância da sua missão futura. Os que não acreditam na próxima predominância do trabalho, que expliquem onde reside a sua esperança.

**Santos Chocano** O poeta peruanos, José dos Santos Chocano, foi condenado à morte por questões políticas, porque defendia um determinado ideal. Repudiamos a condenação, mesmo que defendesse ele um ideal contrário ao nosso e achamos natural, muito humano até, que os intelectuais de todo o mundo enviem os seus esforços a fim de Chocano não ser condenado.

Há dias a C. G. T. portuguesa, também quis evitar que violências fossem praticadas contra homens dignos que, além de terem um ideal, tinham famílias na miséria... e sabe-se o que sucedeu.

**No seu lugar** O trono do kaiser foi vendido em New York, em hasta pública. Não sabemos quem o comprou, mas fomos apostar dobrado contra singelo que foi um milionário americano. A burguesia tudo pode. Ela é autêntica rainha desta época.

Não admira, portanto, que um milionário sente as calças num tronco de imperador. Não fará mais do que ocupar o lugar que o seu dinheiro usurpou... **Estará?**

Segundo se lhe há dito, a Capital, a módica quantia que nos custa o exercício é de 38 mil contos, sem contarmos com a guarda republicana, que ainda há pouco tempo gastava apenas 17 mil contos. Examinando a nossa situação militar, provava o mesmo jornal existirem ofi-

ciais de sobejo, começando por dizer que na graduação de coronel, em vez de 114, há 192 homens, isto é, 48 oficiais mais nenhuma!

**Gato que** Publicou ontem o *Secupapa...* *lo* da noite, sem mencionar a origem, um artigo ultimamente inserido em *El Sol*, onde se atribuem a Máximo Gorki palavras de cuja veracidade nos é lícito duvidar. Acontece, porém, que *El Sol* tirou esse artigo de outro jornal francês cujo nome não menciona, sendo possível que o referido artigo fosse ainda transcrito para o tal periódico francês de alguma revista inglesa e que esta esta encontrasse o referido artigo na fantasia dalgum cão da esquadra do jornalismo.

Os reactionários queriam condenar os seus escravos e a justiça condenou-o.

**C. G. T.** Convocação do Conselho Confederal

E' hoje, pelas 21 horas, que reúne o Conselho Confederal na sua respectiva sede.

O Comité convida, portanto, todos os delegados a comparecer à reunião.

**Conflito gráfico**

Em virtude de a Capital atacar, quase sistematicamente, o nosso camarada redactor principal da *Batalha*, Alexandre Vieira, pondo em dúvida a veracidade de uma local inserida nessa folha, e como éste nosso camarada não estivesse ontem presente para responder às referidas insinuações, amanhã será satisfeita a pretensão do sr. Manuel Guimaraes.

Nós poderíamos desde já dar-lhe os informes de que o ilustre director da Capital carece, mas reservamos essa tarefa ao nosso colega de redacção, visto ser ele e não a *Batalha*, o atacado.

**EVORA, 29-5-1920. — Camarada redactor.** — Li hoje no nosso jornal uma local referindo-se as dificuldades porque passa a porta-voz da organização operária.

Eu, com toda a minha boa vontade, dou meu apoio aos camaradas empregados no comércio, sobre a sua proposta para o aumento do preço do jornal. — Sandoval e Souto Duarte Oliveira, ferreiro do Sul e

**Está?** Segundo se lhe há dito, a Capital, a módica quantia que nos custa o exercício é de 38 mil contos, sem contarmos com a guarda republicana, que ainda há pouco tempo gastava apenas 17 mil contos. Examinando a nossa situação militar, provava o mesmo jornal existirem ofi-

PREÇO, 2 CENTAVOS

## ABAALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

OS JULGAMENTOS DE ÉVORA

## Um triste monstruoso

Cinco trabalhadores condenados a dois anos de prisão e seis a um ano

A despeito da admirável defesa do nosso camarada dr. Sobral de Campos, a despeito de não haver provas jurídicas que atestassem duma maneira palpável e ineliminável a culpabilidade dos réus, a maioria do júri consumiu o crime. Dos trinta e um trabalhadores que foram julgados, apenas vinte foram absolvidos, os restantes onze foram injustamente condenados. Seis desses homens sofrerão a pena a um ano de prisão correccional, que terminará no dia 16 do próximo mês visto que há quase um ano que estavam presos e outros cinco, a quem deram provada a associação de malfeitos, condenaram a dois anos de prisão maior celular, isto é, dois anos de clausura!

Constitui este julgamento, a maior despeito da acintosíssima perseguição movida à organização operária, privada da sede uma parte e outra impedida de reuniir, e em vista das prisões em massa e da perseguição ao seu órgão, nem por isso, como já acençam, deixou o Comité de reuniir, apesar de ter a sua sede encerrada, não obstante três dos seus membros haverem sido presos.

LANçou o Comité um chamamento ao operariado organizado para uma campanha de protesto em todo o país, como se poderá ver na circular n.º 4, que foi publicada na *Batalha*.

Chegou-se ainda, por parte de vários organismos da província, a desenhar o protesto. Mas o governo a breve trecho acabou por permitir que as sedes dos organismos encerrados reabrissem mandando também pôr em liberdade todos os operários que não estavam incriminados por qualquer acto contrário às leis.

**Os transportes e a Revolução Russa**

Pela Associação do Pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa foi entregue ao Comité um ofício da Federação Internacional de Transportes com um questionário relativo ao envio de tropas e munições para os contra-revolucionários russos. Era um assunto importante, sobre o qual se deveriam pronunciar todos os organismos de transportes.

Quem legitimamente se deveria pronunciar era a Federação de Transportes da Terra e Mar e a Federação Marítima. Mas a primeira não funcionava e a segunda não abrange os transportes de terra.

Por tal motivo, o Comité partiu a iniciativa dumha conferência de todos os organismos, que teve lugar dia 16 de Fevereiro e cujo relato saiu no n.º 304 de *A Batalha*.

**Sobre a organização dos transportes**

Ao Comité Confederal, não passou desapercebido o modo como estão organizados os trabalhadores de transportes em Portugal.

No Congresso de Coimbra assinaram os delegados de todos os organismos de transportes de terra e mar um pacto para que logo a Lisboa chegassem, promovesssem a fusão das Federações de Transportes de Terra e Mar e Marítima.

Factos posteriores impediram que se levasse a cabo aquele acordo. Entre tanto os ferroviários apresentaram a reunião de todos os organismos, que teve lugar dia 16 de Fevereiro e cujo relato saiu no n.º 304 de *A Batalha*.

Nessa reunião deliberou-se que todos os organismos que dispunham de capital, cedesssem as maiores quantias de que podiam dispor, a fim de que a propaganda, conforme o acordo establecido com o Comité, a primeira daquelas associações, como noutro lugar referimos, pudesse fazer naquele sentido.

E assim, enquanto os recursos monetários em pouco aumentavam, o papel de impressão continuava dia a dia a subir de preço.

E para mais agravar a situação financeira do jornal, a autoridade, com uma sanha feroz, exercia a mais odiosa perseguição sobre a *Batalha*, impedindo que fosse publicada depois de estar na casa de impressão, quando não a

aprendia na rua.

Os prejuízos então redobraram, tendo o comité de fazer nova convocação daqueles organismos para o dia 24 de Abril.

Nessa reunião deliberou-se que todos os organismos que dispunham de capital cedesssem as maiores quantias de que podiam dispor, a fim de que a propaganda, conforme o acordo establecido com o Comité, a primeira daquelas associações, como noutro lugar referimos, pudesse fazer naquele sentido.

De sorte que para se conseguir a organização daqueles milhares de operários e apesar de já em tempos se ter desenhado a tentativa de organização dos operários de Riba-de-Ave (Famalicão) e haver tido mesmo inicio em Negrelhos (Santo Tirso) uma associação tentativa não vingaram, por falta de continuidade na propaganda.

Identicas tentativas estavam surgindo, pelo que respeita aos feudos da lantilhas, nas duas Beiras. Na Beira Baixa, especialmente, há numerosas fábricas de lantilhas que ocupam igualmente milhares de operários. E a sua organização quase se limita as associações da Covilhã e de Gouveia. Por muita que seja vontade daqueles organismos em estender o seu raio de ação na propaganda, conforme o acordo establecido com o Comité, a primeira daquelas associações, como noutro lugar referimos, pouco poderá fazer naquele sentido.

De sorte que para se conseguir a organização daqueles milhares de operários e para se organizarem igualmente milhares de outros que na província se ocupam no exercício de outras indústrias cujo incremento é notório: serraria, minérios, etc., e ainda para a Federação dos Trabalhadores Rurais se dar o concurso de que carece a fim de desenvolver a propaganda e organização campesina, urgente se torna que a Confederação, pela secção das Federações de Indústria ou pelas duas em conjunto, em pouco aumentavam, o papel de impressão continuava dia a dia a subir de preço.

E para mais agravar a situação financeira do jornal, a autoridade, com uma sanha feroz, exercia a mais odiosa perseguição sobre a *Batalha*, impedindo que fosse publicada depois de estar na casa de impressão, quando não a

aprendia na rua.

Nessa reunião deliberou-se que todos os organismos que dispunham de capital cedesssem as maiores quantias de que podiam dispor, a fim de que a propaganda, conforme o acordo establecido com o Comité, a primeira daquelas associações, como noutro lugar referimos, pudesse fazer naquele sentido.

Assim, em acentuado. Entende, portanto, o Comité que aqueles protestos são demasiadamente apagados, e embora constituam uma manifestação da repulsa, não representam, todavia, um protesto inâmune, nem revestem a clareza requerida em tais transverses.

As greves que surgiram em quase todas as classes, as quais pertencem os membros do comité, greves que se declararam também em classes de transportes de terra e mar, greves que se deslocaram para a elaboração desse estudo, impediram que se prosseguisse sem interrupção. Além disso, foi uma comissão nomeada para promover espetáculos e festivais para os seus lucros reverterem a favor do jornal.

**Um inquérito**

A insuficiência de indicações respeitantes às sedes de cada sindicato, ao seu número de componentes, aos esforços instrutivos e educativos que realizam, insuficiência que se observa em todos os organismos federativos e que se reflecte na C. G. T., levou o Comité a enviar a todos os organismos o inquérito que consta da circular n.º 3.

**Congressos**

Em 30 e 31 de Setembro p. p. efectuou-se, na cidade de Santarém o VI Congresso Nacional dos Empregados no Comércio e em 15 e 16 de Março do corrente ano efectuou-se, em Beja, o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais.

Nos dois congressos foi a C. G. T. representado pelo secretário geral, de corrente, que era necessário promover trabalhadores a estabelecer uma aproximação, e estes seriam a estudo dumas bases onde se definisse qual deveria ser a forma a adoptar para que todos os organismos, de transportes estivessem de futuro inteligenciados.

Assim, o Comité e o Conselho de Transportes, que tanto se desenharam para a impressão daquele livro ser necessário empatar um importante capital, pôsto que está

